

A autora mostra como os índios conhecem minuciosamente a associação entre plantas e animais, usando as primeiras como indicadoras da presença destes, enfim, seu admirável saber sobre as espécies de uma e outros, com seu ciclo vital e comportamento.

Para exemplificar a riqueza do conhecimento zoológico dos índios, basta lembrar que os Kayapó identificam 56 espécies de abelhas. Naturalistas nacionais e estrangeiros estão, atualmente, preocupados em levantar esse conhecimento, como contribuição à ciência universal.

A segunda parte do livro é consagrada a mostrar como, por toda parte, a cultura brasileira, especialmente a caipira, a sertaneja e a caiçara, que são suas versões regionalizadas ou localizadas, está marcada por elementos herdados dos índios. Seria alongar demasiadamente esta resenha indicar os pormenores apresentados pela Autora; porém, não posso encerrá-la sem lembrar que o tópico final, "A questão indígena e o problema da terra" é um pungente clamor pela preservação dos grupos indígenas remanescentes no território nacional e pela defesa de suas condições de vida e direitos, em que Berta G. Ribeiro usa o conhecimento que tem dos mesmos para reforçar o apelo ao egoísmo esclarecido de quantos possam participar ou influir em decisões no domínio da política indigenista, sem esquecer a empatia e o sentimento humanitário dos mais sensíveis.

Oracy Nogueira

*

CLÓVIS MOURA. *Sociologia do Negro Brasileiro*. São Paulo, Editora Ática, 1988.

O autor, com este livro, concretiza com toda propriedade as polêmicas discussões travadas no meio acadêmico e nas discussões internas do movimento negro, tornando real; e sistematiza toda experiência de vida do cientista social, na medida em que participa efetivamente da problemática negra brasileira. O trabalho é a sistematização do conjunto de pensamento que ele elaborou dos mais diversos aspectos da sociedade brasileira, ou seja, como o próprio Clóvis Moura diz: o livro é a síntese de suas experiências de várias décadas em que proferiu palestras, cursos, seminários, congressos, simpósio etc.

O negro e a ideologia branca das classes dominantes são os elementos básicos na análise que o autor faz da sociedade brasileira. Importante, também, neste trabalho é a postura do autor frente às questões que o livro suscita, voltadas todas para resolver o problema racial e social do negro brasileiro. Para melhor compreensão e apreensão dessa problemática, o autor divide o livro em duas partes: a teórica, na qual expõe criticamente os trabalhos de cientistas sociais sobre a situação do negro em nossa sociedade; e a segunda, utiliza o método histórico-dialético, procurando resgatar a história do negro

brasileiro, na perspectiva de sua própria história e na passagem do trabalho escravo para o trabalho livre, em uma sociedade de classes, marcado pelo preconceito social e racial.

O estudo sobre o negro para Clóvis Moura, é um reflexo da estrutura da sociedade, que é mediado por preconceitos acadêmicos e por uma ideologia racista racional. A conjunção desses dois fatores, permitiu que o processo de dominação do negro fosse bastante dinâmico. E isto se verifica na passagem do sistema escravista para o capitalista dependente, que criou mecanismos ideológicos para justificar a situação sócio-econômica, racial e cultural que o negro se encontra hoje. Segundo o autor, isto só foi possível, porque se desenvolveu no meio intelectual brasileiro uma pseudo-ciência, que justificava esta condição do negro, segundo as ideologias e os interesses da classe dirigente.

Perdigão Malheiros e Nina Rodrigues foram os pioneiros desse estudo no Brasil. O primeiro, com a História da Escravidão e o segundo, pretendeu mostrar a inferioridade do negro, a partir de teses racistas, apoiadas em conceitos biológicos europeus, também racistas. Outros seguiram caminhos diversos, mas com a mesma perspectiva racista ou acreditando que o negro fosse um ser inferior, que necessitava ser estudo por esta condição. Neste caso cita, Artur Ramos, Gilberto Freire, Silvio Romero, Euclides da Cunha, Renê Ribeiro, Gonçalves Fernandes, Ulisses Pernambuco, etc.

Outros estudiosos surgiram para estudar o negro brasileiro. Esta nova geração sob o patrocínio da Unesco, contribuiu para que fosse realizado estudos com rigor científico e, ao mesmo tempo, expôs as particularidades da questão do negro no conjunto da sociedade brasileira. Clóvis Moura destaca dessa época Florestan Fernandes, Roger Bastide, L. A. Costa Pinto, Thales de Azevedo. Outros trilharam o mesmo caminho, porém buscaram nova reordenação teórica metodológica, a saber: Octavio Ianni, Emília Viotti da Costa, o próprio autor, Jacob Gorender, Lana Lage da Gama Lima, Luis Luna, Décio Freitas, Oracy Nogueira e outros. Neste grupo, a preocupação não estava restrita ao aspecto econômico, mas também aos problemas étnicos emergentes na sociedade brasileira e os possíveis conflitos raciais daí decorrentes.

Analisando a sociedade brasileira, normalmente os antropólogos e sociólogos, para Clóvis Moura, apreendem a problemática negra, na compreensão acadêmica e nunca na dinâmica do processo social, e esta análise simplista fica incompleta, porque não é apreendida no modo de produção em que se realiza essa dinâmica social. Isto segundo o autor, vem dificultar a formulação de alguns conceitos utilizados por estudiosos, a exemplo de assimilação, acomodação e aculturação, levando à acreditar que, as relações sociais permitem a inserção do negro na sociedade, como um cidadão com elemento culturais diferentes, mas aceito pela dinâmica desse processo.

Clóvis Moura questiona esses conceitos, tomando como base a análise da sociedade brasileira, que a classifica como poliétnica, dividida em classes e camadas com interesses conflitantes e/ou antagônicos. Esta realidade para o autor é que definirá os conceitos utilizados de forma imprópria por muitos estudiosos da questão negra no Brasil.